



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
DEPARTAMENTO CULTURAL

GRUPO EXPERIMENTAL
DE CINEMA

Acervo Digital

Walter
da Silveira

21^o

ESPETACULO
DE
FILMES DE ARTE

2 de novembro de 1968-20,30 horas

SALÃO NOBRE DA REITORIA

"SE TODOS OS HOMENS DO MUNDO"

("SI TOUS LES GARS DU MONDE")

Ficha Técnica

Realização	— Christian-Jaque
Argumento e roteiro	— Jacques Rémy, H. G. Clouzot e Christian-Jaque
Fotografia	— Armand Thirard
Cenografia	— Robert Gys
Música	— Georges Van Parys
Montagem	— Jacques Desagneau
Interpretação	— Jean-Luis Trintignant, Georges Poujouly, Hélène Perdrière, André Valmy, Gilbert Gil
Produção	— Films Ariane — Filmsonor — Cinétel. 1955

— Grande Prêmio do Festival Internacional de Karlov Vary, 1956 —

Quando o parisiense Christian Maudet se aproximou do cinema, no começo dos anos 30, trazia para sua iniciação como cenógrafo e cartazista uma experiência das artes decorativas aprendidas universitariamente. E não tardou a passar para as tarefas mais amplas da direção, sob o pseudônimo que o internacionalizaria.

Fecundo desde logo, em cinco anos, de 1932 a 1937, realizou vinte filmes: todos, porém, sem importância. Só em 1938 *Les disparus de Saint-Agil* revelou-o um cineasta a ficar. Menos abundância, mais qualidade, marcou-o a partir daí.

Sua filmografia ultrapassa, contudo, de cinquenta obras, algumas de grande êxito perante o público: nenhuma como *Se todos os homens do mundo*, que por largo tempo foi dos filmes mais vistos do cinema.

Não aspirando a ser um criador, bastando-lhe a condição de um artesanato seguro, um dos mais sólidos técnicos da *mise-en-scène* na França, de Christian-Jaque se diria que jamais fez uma obra de arte digna de vencer os anos, mas que teria feito diversas apaixonantes, atraentes, com um talento justo e eficaz, ainda que sem brilho.

Agora que o tempo passou sobre *Si tous les gars du monde*, poderá testar-se até que limite resulta verdadeiro esse conceito que cerca seu autor. Ou melhor: se ele era verdadeiramente um autor, e se afinal, com uma fita tão admirada em sua época ele se tornou digno da imortalidade cinematográfica. Em tal caso, teríamos de recordar outros momentos altos

de sua carreira, aqueles de *Sortilégios*, *Mademoiselle Fifi* e *Fanfan la Tulipe*.

De um correto ofício, Christian-Jaque soube construir em *Se todos os homens do mundo* um exemplo de humanismo sóbrio e, no entanto, poderoso. Sua proposta estética é quase a de um documentário. Nada além da realidade possível. Mas ela se converte numa proposta também ética: a da fraternidade internacional. Acima de ideologias está o homem. O homem perdido, o homem em angústia, o homem impondo a unidade de todos os outros.

Saga contra a divisão da humanidade, tentativa de um território emocional comum, esse filme pertence a uma geografia sem fronteiras: do mar nórdico à selva equatorial, em Paris, Munique ou Berlim, entre o capitalismo ou o comunismo, o que importa é a pessoa humana, sem limites étnicos ou políticos.

Pode-se admitir que *Se todos os homens do mundo*, não obstante pensado, escrito e realizado por franceses, significa uma contribuição ecumênica à causa do internacionalismo. Internacionalismo impossível de se confundir com qualquer sectarismo de pensamento ou sentimento.

Como notou certa ocasião Georges Sadoul, Christian-Jaque sempre dependeu para afirmar sua personalidade das condições de produção e de texto que lhe dessem para trabalhar. No caso de *Si tous les gars du monde* se reuniram essas condições: a comovedora estória de Jacques Rémy, adaptada por Henri-Georges Clouzot, e a extraordinária fotografia de Armand Thirard, dentro de uma equipe sem falhas.

Walter da Silveira

Acervo Digital

Walter da Silveira

**UMA PROGRAMAÇÃO
DO CINEMA UNIVERSITÁRIO**